

## TRÊS OLHARES SOBRE A MUDANÇA LINGÜÍSTICA\*

Jacqueline de Sousa Borges de Assis\*\*

**ABSTRACT:** *The linguistic change has been approach for several theoreticians since the XIX century. This work brings a parallel among the presupposed of three different currents from Linguistics of the XX century. Despite the abstract-procedural divergences, it is possible make evident that, if under some aspects, the Sociolinguistics compatibility with the Generative Grammar, under anothers it correlates with the concept of deriva of Sapir. The most clear variances among these theories didn't prevent that general points might be brought afloat.*

### 1. Introdução

O fato de as línguas mudarem com o passar do tempo tem sido analisado por vários teóricos sob diversas perspectivas, desde o século XIX, quando teve início a Lingüística Histórica e Comparada.

Com este artigo pretende-se estabelecer uma correlação entre conceitos e pressupostos teóricos de três correntes da Lingüística do século XX que se propuseram estudar a mudança, quais sejam, o conceito de Deriva de Sapir, a Sociolingüística laboviana e a Gramática Gerativa, visando apontar similaridades e divergências quanto à forma de ver a mudança lingüística por diferentes perspectivas. Lançaremos, assim, três olhares sobre a Mudança Lingüística.

### 2. Breve incursão histórica

O século XX trouxe nova luz para os estudos lingüísticos para além dos históricos. A dicotomia apontada por Saussure no início do século XX entre sincronia e diacronia representou uma grande ruptura com o paradigma histórico-comparativista, ao destacar não só a possibilidade, mas a necessidade de se estudar os fatos lingüísticos sem qualquer correlação com sua história e com tudo que é exterior à língua. Ainda que essa dicotomia represente algo inusitado e de suma importância para a época, Saussure

---

\* Este estudo é desenvolvimento de aspectos particulares de minha dissertação de Mestrado intitulada "Infinitivo Perifrástico em PB e PE: um caso de variação sintática", defendida e aprovada na UFU em 2004, sob orientação da Profa. Dra. Maura Alves de Freitas Rocha.

\*\* Mestre em Lingüística pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

cometeu um grande equívoco ao correlacionar diacronia e sincronia com dinâmico e estático, respectivamente.

De acordo com a perspectiva estruturalista, em que o aspecto sincrônico prevalece sobre o diacrônico, seria possível descrever uma língua sem a consideração de elementos em variação ou em mudança e do papel que a estrutura da sociedade teria nesses fenômenos. A língua, em um momento dado, é tida como um conjunto fechado e homogêneo de regularidades, de fatos estáticos. Dessa forma, ao distinguir a língua da fala, Saussure abstrai a língua, seu objeto de estudo, do uso social e esvazia definitivamente a influência do contexto social.

Embora apareça como uma reação ao estruturalismo, o gerativismo chomskiano apresenta com este muitas semelhanças no que diz respeito à abstração das considerações sociais no estudo da língua. Por estar interessado na relação entre língua e mente, Chomsky pressupõe um falante ideal, numa comunidade também ideal. Sua idealização vem reforçar a concepção de que a língua é um sistema inteiramente independente do contexto social em que se manifesta, na medida em que descarta a relação entre a teoria e os dados de base.

Desta forma, vemos que nem a visão estruturalista nem a gerativista relaciona a língua, suas variações e alterações, com a heterogeneidade social. Ambas concepções percebem a língua como autônoma e os fenômenos sincrônicos como primordiais.

A abordagem Sociolingüística, iniciada por Labov, aparece como uma reação a essas duas correntes lingüísticas ao propor a superação da relação entre a noção de estrutura e o conceito de homogeneidade. De acordo com WLH, “quanto mais os lingüistas ficaram impressionados com a existência da estrutura da língua (...) mais misteriosa tornou-se a transição da língua de um estado ao outro” (WLH, 1968: 100).<sup>1</sup>

Com enfoque diferente, a Sociolingüística laboviana não procura eliminar da análise o que é variável. Ao contrário, a Sociolingüística faz da variação seu objeto de estudo e análise, relacionando-a a alguns dos aspectos que tanto o estruturalismo como o gerativismo mantiveram fora de análise: a lingüística externa, que se ocupa da relação existente entre a língua, a história e a estrutura da sociedade.

Para a Sociolingüística, toda língua apresenta variação, que é potencialmente um desencadeador de mudanças. Como a mudança é lenta e gradual, é necessário, portanto, que passe primeiro por um período de transição em que há variação, para depois ocorrer a mudança.

Labov (1972) entende que se a língua faz parte de uma sociedade que a utiliza, a influencia e é influenciada por ela, o funcionamento de uma língua não pode ser entendido senão por meio da sociedade. Nesta

---

<sup>1</sup> As traduções relativas ao texto de WLH (1968) são de minha responsabilidade

perspectiva, se queremos explicar quais forças agem na língua, devemos incluir o modo como a língua está inserida na sociedade, pois se tanto a língua quanto a sociedade são sistemas que podem apresentar heterogeneidade, a heterogeneidade na sociedade pode provocar heterogeneidade dentro da língua, e vice-versa.

### **3. A Deriva sapireana e a Sociolingüística: convergências**

Diante da observação de Kato (1997) de que as comparações feitas entre as diferentes fases da lingüística são sempre no sentido de evidenciar as diferenças, nosso intuito foi o de adotar o caminho inverso, a exemplo deste seu estudo. A despeito de as teorias em foco se mostrarem díspares quanto à metodologia e fundamentos filosóficos, semelhanças concernentes ao tratamento da mudança foram observadas nos pressupostos teóricos da Sociolingüística e no conceito de Deriva.

Em Lightfoot (2000), Sapir é apontado como um dos estruturalistas que manifestaram fervoroso anti-historicismo em seus escritos no início do século XX, ao lado de Boas e Bloomfield, o que colaborou para que a noção de que há princípios históricos para serem descobertos fosse abandonada em 1920.

Entretanto, se noções como tempo e história não são privilegiadas pelo estruturalismo saussureano, Sapir não só as aborda como considera a língua um produto histórico. Na realidade, a diferença está em que a intenção de Saussure foi isolar o estudo da língua de tudo que é exterior a ela, o que inclui considerações à história e à sua evolução. É Sapir quem pioneiramente levanta essa discussão no início do século XX dentro do paradigma estruturalista, embora não se distancie significativamente da Lingüística do século XIX, uma vez que as tendências históricas são o ponto central de sua proposta.

A mudança lingüística na perspectiva de Sapir é ocasionada pela deriva da língua. “A deriva de uma língua consta da seleção inconsciente feita pelos que a falam, das variações individuais que se acumulam numa dada direção especial” (SAPIR, 1921: 124). Esta é a definição de Sapir para a noção de Deriva, cuja proposta para explicar a mudança lingüística, pioneira no modelo estruturalista saussureano vigente, tornou-se referência para posteriores estudos sobre a mudança, seja para adotá-la ou refutá-la.

Desta definição podemos abstrair que, segundo esta visão, a deriva da língua é autônoma, ou seja, não é determinada por fatores externos, visto que o falante ‘inconscientemente’ a escolhe. Entretanto, por vezes, este texto mostra-se contraditório quanto à independência da mudança lingüística com relação a fatores sociais.

O social pode ser identificado neste texto de Sapir como fator desencadeador da formação de dialetos e conseqüentemente da norma, que implica variações, propensas, portanto, à mudança. Uma vez que Sapir admite a norma, pressupomos que, para este autor, as variações lingüísticas

estão de alguma forma correlacionadas a grupos ou camadas sociais, embora tal correlação não esteja explicitada em seu texto. Sapir afirma que “os dialetos antes de tudo são próprios de grupos sociais estritamente circunscritos, e com homogeneidade tal que lhes garante um sentimento e propósito comum, necessário para se criar uma norma” (SAPIR, 1921:121).

Outra evidência do fator social neste texto está em que Sapir distingue a deriva individual da dialetal. Faz referência a uma norma que dirige a fala dos membros de cada grupo, ou consenso de uso geral, que corrige ou cancela as variações individuais, o que explica o fato de as variações individuais não se ascenderem à importância dialetal.

De forma análoga, os princípios norteadores do manifesto de WLH (1968) mostram que a variação idioletal não acarreta mudança: o primeiro deles faz menção ao fato de que “a mudança lingüística não deve ser identificada com a difusão aleatória que resulte de variação inerente na fala”, e o quinto mostra que “idioletos não são a base para gramáticas autocontidas e internamente consistentes” (WLH, 1968: 187). Estes dois princípios evidenciam a primeira correlação encontrada entre a Sociolingüística e o conceito da Deriva no tocante à impossibilidade de variações individuais alcançarem a importância dialetal.

A segunda semelhança encontrada nos dois textos refere-se ao pressuposto da declividade, de um lado, e o princípio da uniformidade, de outro. Ao propor que a deriva pode existir durante muito tempo como mera tendência na fala de alguns, Sapir afirma que a língua tem uma declividade, ou seja, as mudanças dos próximos séculos estão em certo sentido prefiguradas em algumas tendências obscuras no presente e que “tais mudanças provarão ser apenas continuações de outras mudanças que já se tinham verificado” (SAPIR, 1921: 124).

Já a Sociolingüística variacionista propõe uma maior investigação teórica dentro da evolução lingüística como um todo. De acordo com seus pressupostos, uma teoria de mudança lingüística teria de, dentre outras coisas, “determinar se o presente curso de evolução lingüística está seguindo a mesma direção, e é governada pelos mesmos fatores que operaram no passado” (princípio da uniformidade) (WLH, 1968: 103).

O terceiro ponto de ligação entre os dois textos diz respeito ao primeiro dos cinco passos da pesquisa<sup>2</sup> propostos por WLH, referente aos *constraints* (fatores condicionadores) da variação/ mudança, que também podem ser identificados no texto de Sapir, como “forças determinantes” e “forças componentes” da deriva. Assim Sapir se pronuncia acerca destas forças: “Não é, porém, possível segurança absoluta de afirmação porque não podemos garantir que isolamos todas as forças determinantes da deriva.

---

<sup>2</sup> O programa de pesquisa do paradigma quantitativo proposto por WLH (1968) contempla cinco etapas de pesquisa. São elas: 1– os princípios/ fatores restritivos; 2– o encaixamento; 3– a avaliação; 4– a transição; 5– a implementação.

Temos também de conhecer um pouco a potência e velocidade relativa das forças componentes da deriva” (SAPIR, 1921: 129).

A quarta semelhança é concernente à questão do encaixamento lingüístico, conforme proposto por WLH, o qual pode ser claramente evidenciado na Deriva sapireana. Ao discutir as forças que competem para a relutância do falante em dizer *Whom did you see?*, Sapir mostra que os quatro fatores ou forças não operam independentemente, “as suas forças distintas, se é lícito usarmos aqui um conceito de mecânica, se “combinam” numa resultante” (SAPIR, 1921: 128). A seguir, Sapir acrescenta que as diretrizes particulares depreendidas do uso de *whom* não interessam por si próprias, mas como sintomas de maiores tendências na língua, e que “todas vêm atuando há séculos, todas estão em ação em outras partes do mecanismo lingüístico” (SAPIR, 1921: 129).

Deixamos por último a mais evidente das semelhanças identificadas entre o texto de Sapir e a Sociolingüística: a de que o funcionamento de uma língua não pode ser entendido senão por meio da comunidade lingüística de fala. A este respeito Sapir assim se posiciona: “Ora, é evidentemente para a fala irrefreada do povo que temos que nos voltar, se quisermos uma informação antecipada sobre o movimento lingüístico geral” (SAPIR, 1921: 125).

#### **4. A Sociolingüística e a Gramática Gerativa: convergências e divergências**

Com relação à Gramática Gerativa, embora a questão da mudança não esteja entre suas preocupações centrais, o modelo de Princípios e Parâmetros propiciou nova luz para o fenômeno, bem como para a análise de questões como aquisição da linguagem. A aquisição passa a ser vista como um processo de fixação dos valores de parâmetro e a mudança como uma mudança do valor de um ou mais parâmetros.

##### **4.1. A proposta de compatibilização entre as duas teorias**

Por meio deste modelo de Princípios e Parâmetros, que procura resgatar a variação inter-lingüística, a descrição de uma língua assumiu invariavelmente o caráter de uma lingüística comparativa (cf. Kato, 1997). Por esta razão, e considerando ainda que o variacionista também está interessado em projetar resultados que ultrapassem os limites do intra para o universo do inter-lingüístico, Tarallo e Kato (1989) postularam que os resultados e o poder explanatório das análises via propriedades paramétricas e via probabilidades são compatíveis entre si.

Assim, de acordo com esta proposta de Tarallo e Kato de compatibilização das lingüísticas de probabilidades e de propriedades, a Sociolingüística Paramétrica, é possível evidenciar, por meio de um ou de outro modelo, a generalização trans-lingüística.

O alcance desta proposta é explicitado pelos autores a partir de três momentos. Em um primeiro momento, os autores consideram que são esses parâmetros que permitem reconhecer, por exemplo, que muitos dos fatores que condicionam a inversão do sujeito em línguas como o Francês canadense, o Espanhol mexicano e o Português carioca, atuam na mesma direção, a saber, a propriedade de haver um sistema produtivo de clíticos acusativos e o parâmetro *pro-drop*, ou +/- clítico acusativo e +/- sujo. Assim, tem-se um fenômeno de variação que interessa igualmente à Sociolinguística e à Gramática Gerativa, sendo que para esta o instrumento de análise é a avaliação da produtividade de duas formas sintáticas definidas previamente.

Um segundo alcance desta compatibilização seria o realinhamento de uma propriedade de um componente da gramática, a partir dos resultados probabilísticos sobre outro fenômeno variável, presente em outra parte da mesma gramática. Como exemplo, Tarallo e Kato citam, dentre outros, o trabalho de Naro (1981) sobre as restrições morfológicas ao apagamento do sujeito em Português, que apontam para a tendência do Português do Brasil de perder as propriedades do parâmetro do sujeito nulo. De forma análoga, em estudos recentes sobre variação paramétrica, informações relativas à frequência de uma forma aparecem como um dos argumentos a favor de ter havido alteração do valor de parâmetro. A alta produtividade de uma forma em um determinado período de tempo e sua baixa produtividade em períodos subseqüentes ou a sua não ocorrência são tomadas como evidência de alteração gramatical.

Um terceiro momento em que as duas teorias se encontram seria o da possibilidade de um estudo variacionista fazer previsões de que o dialeto de uma língua em situações de contato pode começar a realinhar as propriedades de seus parâmetros sintáticos. Já uma linguística típica de propriedades anteciparia que, no caso de contato entre duas línguas com as mesmas propriedades paramétricas, não haveria interferência nos moldes previstos por Weinreich (1953). Como exemplo, Tarallo e Kato citam a interferência sintática por contato entre o Português brasileiro e o Espanhol americano quanto ao parâmetro *pro-drop*. Um estudo variacionista mostra que o Português de fronteira obedece à mesma organização sistêmica do Espanhol, permitindo inclusive a ordem OVS, inexistente no Português da costa do Brasil.

Por meio dos exemplos citados de análise nessa perspectiva, pode-se constatar que, tanto estudos comparativos, quanto estudos isolados de determinadas línguas, revelam confluência entre fatores motivadores da variação e mudança. Na prática, o modelo da Sociolinguística Paramétrica propõe uma reavaliação dos estudos lingüísticos de propriedades paramétricas que agem no sentido do “tudo ou nada” sem levar em conta a heterogeneidade dentro de uma língua, com o objetivo de realinhar as propriedades paramétricas ou mesmo explicar por que uma mesma língua tem periferia marcada em um parâmetro e não marcada em outro.

O modelo visa, assim, um estudo empírico mais significativo das línguas, que servirá de subsídio para uma lingüística trans-sistêmica a partir do fenômeno estudado, além de prover dados a respeito da produtividade do fenômeno em cada língua.

Diante dos estudos apresentados por Tarallo e Kato nesta sua proposta, em que as análises intra e inter-lingüística se complementam no sentido de realinhar os parâmetros sintáticos para um refinamento da análise lingüística, constata-se a coerência do caminho por eles empreendido de abrandar o velho debate entre empiristas e racionalistas que impediu que a lingüística tivesse maiores alcances.

#### **4.2. Divergências entre as duas teorias**

Por outro lado, em virtude da antiga oposição empirismo x racionalismo, metodologicamente, as teorias Gerativa e Sociolingüística continuam muito distantes. Relativamente aos princípios norteadores da mudança, destacamos três aspectos em que as duas teorias se distanciam, dignos de nota.

Para o gerativismo chomskiano, as línguas variam, mas essa variação é restrita. Se os princípios são invariáveis e os parâmetros admitem certa variação, então a única explicação possível para a mudança deve estar nos parâmetros, já que os princípios não se alteram. Assim, quando houver uma mudança abrangente na língua, esta será o resultado da alteração de um parâmetro. Como normalmente se considera que os parâmetros são binários, ou seja, admitem apenas duas possibilidades [+] ou [-], não haveria possibilidade de meios-termos, e a mudança é vista, então, pelos lingüistas que trabalham dentro desse paradigma, como algo catastrófico, no sentido de repentino, não-gradual, opondo-se, dessa forma, à visão da Sociolingüística, que considera a mudança como lenta e gradual. Identificamos este como o primeiro aspecto em que se pode evidenciar a diferença entre as duas teorias.

O segundo ponto em que as duas teorias se distanciam está em que, enquanto na abordagem sociolingüística a mudança é contínua na vida do falante, na gerativista, a mudança lingüística está localizada no período de aquisição da linguagem.

De acordo com Lightfoot (1991), que é um dos lingüistas que trabalham com a mudança na perspectiva gerativista, a mudança é implementada no processo de aquisição da linguagem, por meio do acionamento de um certo valor de parâmetro. O valor do parâmetro é fixado a partir dos dados lingüísticos primários; a criança é vista como seletora do valor de parâmetros. Ainda que exposta a uma determinada estrutura, nem sempre esta vem a ocorrer na gramática que a criança está adquirindo. Assim, estruturas não acionadas num dado momento desaparecem.

No modelo gerativo, pressupõe-se que o re-acionamento paramétrico

siga alguns passos. Embora catastrófico, o fenômeno ocorre como resultado de uma mudança em cadeia na língua, gradualmente difundida (através de gerações sucessivas) até atingir o ponto crítico. O novo acionamento paramétrico tem lugar no indivíduo e não na sociedade. Este é o terceiro ponto em que a perspectiva gerativista se opõe ao modelo da Sociolingüística variacionista, pois para esta a mudança tem lugar na comunidade, e de acordo com seus princípios norteadores, a variação idioletal não acarreta mudança. Já na teoria chomskiana não cabe a visão social; cada indivíduo cria a sua gramática.

Tendo em vista explicações para tendências diacrônicas a longo prazo, Lightfoot (2000) acredita que o progresso virá através de trabalhos precisos nos moldes do trabalho proposto por Niyogi e Berwick (1997). De acordo com esta proposta, tendências a longo prazo surgem em função da arquitetura da Gramática Universal (UG) ligada ao processo de aquisição e à comunidade lingüística. O problema da aquisição da gramática é tomado no nível individual como direcionando logicamente o problema da mudança lingüística no nível do grupo ou comunidade.

Lightfoot postula, assim, que a explicação para tendências a longo prazo, se emergir, será em função da arquitetura da UG, do processo de aquisição e da forma como a comunidade lingüística se comporta. Desta forma, tendências históricas seriam epifenômenos, derivados de uma maneira interessante, e não estipulados à força.

## 5. Considerações finais

A importância em se estabelecer uma correlação quanto à forma de ver a mudança pelas correntes estruturalista, gerativista e sociolingüística está em que, em se tratando de modelos que se sucederam, é possível evidenciar tanto aspectos que se contrapõem quanto que se assemelham ou se complementam. Se sob alguns aspectos, a Sociolingüística correlaciona-se ao conceito de Deriva, e sob outros, ao Gerativismo, acreditamos que pontos em comum pudessem ser detectados nos três modelos.

A partir do paralelo traçado entre os pressupostos da Sociolingüística e o conceito da Deriva, é possível considerar que as duas propostas não são de todo incompatíveis, conforme se supõe, mas antes são complementares, no sentido de uma buscar superar as limitações apresentadas pela outra. Esta afirmação encontra respaldo em Lightfoot (2000), em artigo sobre a concepção determinista e preditiva da mudança lingüística que vem sendo discutida desde o século XIX, em que afirma que na década de 70 muitos trabalhos enfocaram a noção de Deriva de Sapir.

Por outro lado, por meio da proposta de Tarallo e Kato de compatibilização da lingüística de probabilidades com a de propriedades paramétricas constata-se que os resultados de uma podem ser úteis ao realinhamento de outra, ou seja, que um modelo pode ser realinhado em



função do outro. A Sociolinguística Paramétrica, portanto, indica que o alcance dos resultados e o poder explanatório das análises via probabilidades e/ou propriedades são compatíveis entre si.

A análise descrita sustenta a sugestão de Kato (1997) de que as teorias desde o estruturalismo até as últimas versões do gerativismo constituem “estágios de um mesmo programa”. Por essa razão, a despeito das diferenças apontadas, é que nos aventuramos a traçar este paralelo entre os pressupostos de diferentes perspectivas teóricas que se propuseram a tratar a mudança lingüística nos idos do século XX.

Portanto, nem as divergências mais evidentes entre as teorias elencadas impediram que pontos comuns que as permeiam fossem trazidos à tona.

## 6. Referências Bibliográficas

KATO, M. Teoria Sintática: de uma perspectivas de “ismos” para uma perspectiva de “programas”. *DELTA*, v. 13, n. 2, São Paulo, 1997.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. University of Philadelphia Press: Philadelphia, 1972.

LIGHTFOOT, D. *How to set parameters: arguments from language change*. Cambridge, MA: MIT Press, 1991.

LIGHTFOOT, D. How long was the nineteenth century? *DELTA*, v. 16, n. spe, p. 81-98, 2000.

NARO, A.J. Morphological constraints on subject deletion. In: D. Sankoff and Cedergren (orgs). *Variation Omnibus*. Edmonton, Alberta: Linguistic Research Inc., 1981. (apud TARALLO, F. & KATO, M. A., 1989)

SAPIR, W. *A linguagem*, 1921. Trad. Joaquim Mattoso Câmara Júnior. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

TARALLO, F. & KATO, M.A. *Harmonia Trans-sistêmica: variação intra e interlingüística*. Preedição-5. Campinas, SP: 1989.

WEINREICH, U. *Languages in Contact*. New York: Publications of the Linguistic Circle of New York, 1953. (apud TARALLO, F. & KATO, M. A., 1989)

WEINREICH, U., LABOV, W. & HERZOG, M. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: W. Lehmann and Y. Malkiel (eds.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968, 195 p.